

Perspectivas e desafios entre a dupla ruptura epistemológica e pesquisa participante

Joel Felipe Guindani*

Resumo

O presente artigo trata da discussão sobre o pensamento pós-moderno e, por essa via, do impasse paradigmático que se encontra no campo da ciência. Partindo dessa reflexão, apresenta-se a articulação entre a proposta epistemológica de Boaventura de Souza Santos, denominada Dupla ruptura epistemológica, e a proposição metodológica da Pesquisa participante. A partir dessa abordagem, busca-se evidenciar que, em tempos de crise ambiental e de crescente desigualdade social, tanto a proposta de Boaventura de Souza Santos quanto a Pesquisa Participante são indissociáveis e que, juntas, poderão edificar um novo modelo de ciência efetivamente engajada e comprometida com os problemas atuais e os que possivelmente emergirão.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Ciência. Dupla ruptura epistemológica. Pesquisa participante.

1 INTRODUÇÃO

A rapidez e a abrangência das mudanças na vida atual estão no centro das discussões que muitos pesquisadores travam sobre modernidade e pós-modernidade. Em torno desses conceitos surgiram teorias que estão longe de apontar

* Graduado em Comunicação Social (Habilitação em Rádio e TV) pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS; bolsista Capes; Rua General João Teles, 453, ap. 12, Bairro Bom Fim, Porto Alegre, RS, 90035-120; j.educom@gmail.com

para um horizonte consensual de interpretação sobre a realidade capitalista e seus índices sociais nada tranquilizantes.

A crescente industrialização e a urbanização provocaram enormes perturbações por força de profundas alterações nas formas de trabalho, na tecnologia, na produtividade e na sociabilidade humana, o que abalou as estruturas sociais cristalizadas e varreu rotinas e referências estabelecidas. As mentes otimistas chamavam tudo isso de progresso¹, conceito que refletia melhor o entusiasmo por essas realizações do que seus efeitos perversos.

Dessa forma, a ciência, especialmente no século passado, passou por um amplo debate sobre os seus princípios básicos de construção. O racionalismo aplicado, o determinismo teleológico e o mecanicismo foram superados pela incerteza proposta pela própria ciência mediante a realidade por ela investigada, o que originou possíveis rupturas epistemológicas e a busca por novos paradigmas. Mediante essa conjuntura, inquietações não cessam de emergir: Afinal, para que e a quem serve à ciência? Quais seriam as reais funções sociais da ciência? Onde se diluem ou se materializam os esforços e produções de tantos intelectuais do ontem e do hoje?

Acredita-se que questões como estas são fundantes para quem adentra no campo da investigação científica. Dessa forma, torna-se imprescindível manter uma postura atenta e crítica a respeito das condições sociais, políticas e culturais da produção científica, principalmente mediante as formas hegemônicas de saber que até então tem predominado.²

Obviamente, os impasses e problemas que desafiam as mais diversas áreas do saber na atualidade são o reflexo de algum processo ineficaz operado no passado. Porém, repensar soluções para eles requer no presente a audácia de criticar e, ao mesmo tempo, propor novas alternativas. Imbuídos dessa certeza, a reflexão que segue é uma tentativa de aproximar novas possibilidades de ação mediante os obstáculos que até então têm impossibilitado a ciência de ser um espaço propulsor de vida. Com essa problemática, encontraram-se, algumas obras de Boaventura de Souza Santos, acolhida e fundamentos sólidos para se continuar caminhando em um presente de menos incertezas e de mais esperanças; articulando ideias e visualizações que realmente se ajustam aos problemas e desafios da atualidade.

Desse modo, acredita-se que a viragem fundamental deste impasse paradigmático pelo qual vive a ciência somente acontecerá à medida que a construção do saber científico se abrir à solidariedade e à partilha. Para isso, buscou-se neste

artigo, articular as potencialidades emergentes da Dupla ruptura epistemológica proposta por Santos, com a modalidade metodológica de Pesquisa participante, proposta por autores como Brandão, Streck, Peruzzo, entre outros.

Trilha-se, pois, um caminho de expectativas acerca das possibilidades de se fazer ciência a partir de um processo dialógico, gerando, assim, compromettimentos, ao invés de dicotomias e disjunções entre pesquisador e o mundo pesquisado.

2 O PENSAMENTO PÓS-MODERNO E A EMERGÊNCIA DA DUPLA RUPTURA EPISTEMOLÓGICA

Refletir sobre o tempo atual não é tarefa simples. Por isso, “[...] encontrar as palavras, as menos falsas possíveis, utilizadas para expressar a época em que se vive exige um ‘trabalho de verdadeira criação’”, porém, “[...] participar desse trabalho não é, com certeza, tarefa inútil.” (BAUMAN, 2001, p. 74).

Refletir sobre o hoje requer alguns cuidados, principalmente o de não desconsiderar que se é herdeiro de uma tradição intelectual oriunda do ocidente, greco-romana, fundamentada no *cógito ergo sun* cartesiano; da teologia cristã do corpo ou da alma, do céu ou do inferno.³ Também, não se pode desconsiderar que, do mesmo modo, “[...] a partir dessas fontes, constituem-se as polaridades entre o Ocidente – civilizado, adiantado, desenvolvido, bom – e o resto – selvagem, atrasado, subdesenvolvido, ruim.” (COSTA, 2006, p. 86).

Essa maneira de fundamentar a realidade estruturou-se ao longo do tempo em categorias ordenadas, buscando enquadrar o sujeito por meio de binaridades como branco/negro, ocidente/oriente, centro/periferia,⁴ etc. Trata-se aqui, como enfatiza Costa (2006), dos tempos modernos, o qual toma as normas sociais, estruturas e valores encontrados nas sociedades qualificadas de ocidentais como o parâmetro universal que define o que são sociedades modernas.

Dessa forma, ingressa-se em outra esfera ou em outro lugar, como alerta Maffesolí (2001). De alguns anos para cá, outro modo de viver, agir e pensar está efervescendo, ocasionando certa dispersão ou a quebra dessas lógicas binárias, seja no mundo da arte, da cultura, seja do conhecimento. Especificamente no campo do saber, essa cultura denominada “pós-modernidade” emerge como uma

episteme forte, de crítica às teorias que até então eram tidas como referência para se analisar o ser humano e a sua realidade.

A complexidade na qual se assenta os dias atuais reclama por novos olhares epistêmicos e por novas chaves hermenêuticas, as quais sejam capazes de não somente enquadrar ou tipificar tal realidade, mas, acima de tudo, compreendê-la. Ainda que as teorias acerca da pós-modernidade sejam incompletas e difusas, chamam atenção para fenômenos novos e decisivos da vida contemporânea e despertam o pensamento para algo de novo que está acontecendo.

De acordo com Gadea (2005, p. 140):

[...] para a crítica pós-moderna, não se encontra dentro das possibilidades do conhecimento averiguar se “a vida” tem um sentido, uma teleologia. Assim, reage aportando imagens do mundo mais “otimistas”, enraizadas na multiplicidade de explicações do mundo e a diferença, do dissenso e não no consenso.

São inúmeros os discursos que caracterizam o que vem a ser a pós-modernidade. Especificamente, para o campo do saber, trata-se de chave hermenêutica que relativiza os padrões epistêmicos normativos do dever ser, do isto e não aquilo, característicos do período moderno.

Considera-se que as concepções da pós-modernidade vêm a ser, também, esse novo lugar enunciativo de crítica a esses modelos analíticos estanques, que até então serviram como aportes teóricos para se pensar o cotidiano das vidas. Nas palavras de Gadea (2005, p. 138), a pós-modernidade “[...] se situaria, justamente, como o gesto que questiona a estabilidade e legitimidade das categorias políticas e teóricas próprias da condição vital moderna.” Ou, também, a pós-modernidade como uma sensibilidade que vem quebrar essas lógicas binárias de conceber e compreender o mundo.

Metaforicamente falando, parece que o mundo está sendo observado por novos ângulos, agora não mais sob o mesmo lócus interpretativo. Esse novo prisma hermenêutico, aqui denominado como pós-modernidade, tenciona o prisma tradicional que até então tem servido de lugar para se contemplar e erigir a construção do saber acerca da realidade. Pode-se, juntamente com Maffesolí, inferir que atualmente opera-se uma mudança profunda de paradigma,⁵ em que a estrutura “[...] patriarcal e vertical está se sucedendo a uma estrutura horizontal

e fraternal.” (MAFFESOLÍ, 2006, p. 99). Todo o conhecimento elaborado até aqui tem passado, primordialmente, pela dominação desse paradigma moderno, o qual, totalmente imerso em uma racionalidade positivista ou ortodoxa, tem execrado toda a forma de pluralidade ou riqueza dos saberes paralelos, especificamente no que diz respeito ao saber popular.

Dessa forma, pode-se deduzir que o pensamento pós-moderno também é uma consequência dessas estreitezas que o próprio paradigma moderno tem criado e, que por consequência disso, tem-se instituído uma postura atenta e crítica a respeito de tais condições sociais, políticas e culturais da produção científica, oriundas desse paradigma tido até então como hegemônico. Amplamente, crê-se que os impasses e problemas que hoje desafiam o indivíduo, bem como às mais diversas áreas do saber, são o reflexo de algum processo ineficaz operado no passado.

Edgar Morin é outro autor que muito contribui e problematiza essa concepção de ciência e de mundo uniforme. Para ele, primeiramente, tem-se a revelação de que existem fenômenos que não se consegue explicar. O próprio ser humano é um deles, o universo também, a vida e a morte, o amor, o ódio. Quanto à ciência, Edgar Morin busca alertar para a própria existência da complexidade, contrapondo-se ao convencionalismo científico até então predominante.⁶

Certamente, não se coabita mais em um ambiente moderno, predicado por tradições e etiquetas estáveis, ou por normas e sistemas sociopolíticos previsíveis e controlados. A complexidade na qual se está imerso parece carecer e reclamar por um tipo de racionalidade mais ampla e flexível.

Considerando e reconhecendo a variedade de conjunções das quais se compõe a pós-modernidade, acredita-se que a tragédia que ocorreu (e ainda ocorre) no Leste do estado de Santa Catarina pode ser um exemplo concreto para se ilustrar uma parcela do que aqui se reflete.

Naquela região, os morros vieram literalmente abaixo, soterrando casas e gentes. As construções humanas se esmigalharam como se fossem folhas de papel, mostrando, assim, a fragilidade da espécie, bem como a inconsistência das previsões seguras advogadas pelas ciências ditas tradicionais e de ponta.

Junto com a terra que desceu, veio abaixo, também, todo esse discurso de progresso linear e seguro da ciência tradicional, a qual, especificamente naquela região, serviu de base para a construção do gasoduto Brasil-Bolívia. Certamente, esse mesmo discurso garantia boa vida para os que agora ainda estão soterrados.⁷

Os morros que por lá desabam, foram revirados – com o aval de relatórios científicos, para a plantação de tubos da gigantesca obra do gasoduto, tão denunciada por ambientalistas e estudiosos já desde o início nos anos de 1990. Todo esse conhecimento elaborado fora dos laboratórios oficiais e descartado pelo saber dominante, já prenunciava tal fenômeno. Basta observar alguns relatórios⁸ que há décadas vinham sendo redigidos por entidades e associações populares daquela região. Percebe-se, com esse exemplo, que toda essa concepção de ciência moderna,⁹ até então elaborada pelos especialistas ouvidos e autorizados, tem-se mostrado insuficiente mediante a complexidade dos problemas atuais, bem como indiferente aos saberes diversos.¹⁰

A exemplo da tragédia catarinense, percebe-se que cada vez mais a contemporaneidade, como em nenhum outro tempo, movimenta-se com incessante rapidez, abalando, assim, as estruturas sociais cristalizadas, varrendo “[...] rotinas e referências estabelecidas.” (FRIDMAN, 1999). Aquilo que ao longo de séculos apresentava-se aparentemente sólido, hoje, desmancha-se e vem abaixo.

A pós-modernidade, como episteme, torna-se também esse espaço de abertura ao conhecimento comum; àquele conhecimento elaborado às margens das grandes correntes teóricas ou dos espaços ditos oficiais, como a academia e seus laboratórios pensantes: “[...] é nos confins das ciências, em suas bordas exteriores, com tanta frequência quanto em seus princípios, seu núcleo e seu centro, que se fazem os progressos.” (MAUSS, [1924], 2003, p. 324).

Deve-se considerar a ciência como um instrumento legitimador de escolha dos objetos de estudo, bem como dos problemas a serem resolvidos na realidade, além de considerar, também, que o papel da comunidade científica, além de presumir os focos de ação, é também o de mediação entre o conhecimento científico e a sociedade. Porém, o universo científico é dotado de contingências. Da mesma forma que pode vir a ser um instrumento comprometido com a libertação social, pode, do mesmo modo, tornar-se um modelo distante das necessidades e problemas de seu tempo. Basta recordar, em um passado recente, quando muitos “[...] cientistas se transformavam em trabalhadores assalariados a serviço do complexo militar-industrial então emergente.” (SANTOS, 1989, p. 127).

Após as duas grandes guerras mundiais e a crescente desigualdade social e degradação ambiental, explicita-se, com veemência, um modelo de ciência voltado ao desenvolvimento da insegurança e da destruição. Em virtude dessa reali-

dade, a tradição da sociologia moderna de conhecimento deflagra suas fraquezas e limitações. Por esta via, como afirma Santos (1989, p. 148), o paradigma de ciência que presidiu a esse processo histórico se encontra em crise e que a crise não é superável mediante simples reformas parciais do paradigma. Estamos, pois, numa fase de “transição paradigmática.”

Essa transição paradigmática a qual é definida por Santos (1989, 2007, 2008,) pode também ser considerada como uma fase de degenerescência de paradigma, um momento de conflitualidade entre dois paradigmas sociais: o que predominou e se apresenta inviável, “[...] e outro que não existe ainda, mas está emergindo, um sinal de futuro.” (SANTOS, 2007, p. 8). É neste momento de indefinição paradigmática onde um “[...] outro paradigma se desenha muito provavelmente no horizonte científico, e o processo que ele surge e se impõe constitui a revolução científica, e a ciência que se faz a serviço desse objetivo é a ciência revolucionária.” (SANTOS, 2007, p. 8).

Nesse cenário de transição, inscrevem-se as possibilidades de uma dupla ruptura epistemológica, a qual teria como princípio e função a “[...] atenuação progressiva do desnivelamento dos discursos, dos saberes e das comunidades que os produzem; a superação da dicotomia contemplação/ação.” (SANTOS, 2007, p. 150).

De acordo com Santos (1989), a primeira ruptura representa o que há de velho nesta fase de transição, podendo corresponder ao modelo predominante – ciência *versus* senso comum –, um modelo que, segundo ele, tem acentuado uma discrepância entre teoria e prática social. Dessa maneira, a dupla ruptura epistemológica traz em seu bojo uma nova concepção de ciência:

[...] ciência não como monocultura, mas como parte de uma ecologia mais ampla de saberes, em que o saber científico possa dialogar com o saber laico, com o saber popular, com o saber dos indígenas, com o saber das populações urbanas marginais, com o saber camponês. (SANTOS, 2007, p. 32).

É preciso lutar contra um Epistemicídio: a morte de conhecimentos alternativos, alerta o sociólogo.

Ao contrário da ciência que até então predominou, todo o conhecimento produzido por meio da primeira ruptura somente conduzirá à segunda ruptura à medida que for aplicado nos contextos geradores desse conhecimento.¹¹ Por esta

via, a dupla ruptura epistemológica se concretiza à medida que o conhecimento teórico se converte em conhecimento prático esclarecido. Sendo assim, a dupla ruptura epistemológica opera uma transformação a partir desse modelo de produção e também de aplicação do conhecimento que até então tem predominado, o qual pode ser designado por aplicação técnica do conhecimento.¹²

Essa nova modalidade epistêmica que Santos apresenta, visa romper com a concepção de ciência positivista, a qual se “[...] desenvolveu totalmente no quadro do conhecimento-regulação que recodificou, canibalizou e perverteu as possibilidades do conhecimento-emancipação.” (SANTOS, 2007). Nessa perspectiva, a segunda ruptura orienta e pauta também uma nova forma de aplicação do conhecimento denominada “aplicação edificante do conhecimento.” (SANTOS, 2007, p. 53).

Entre outros objetivos, a aplicação edificante do conhecimento

[...] tem sempre lugar numa situação concreta em que quem aplica está existencial, ética e socialmente comprometido com o impacto da aplicação, sendo que, o cientista deve, pois, envolver-se na luta pelo equilíbrio de poder dos vários contextos de aplicação e, para isso, terá de tomar o partido daqueles que tem menos poder. (SANTOS, 2007, p. 53).

Mediante a aplicação edificante do conhecimento, poder-se-á eliminar a discrepância existente entre teoria e prática social, visto que os objetivos da dupla ruptura epistemológica, por meio desta aplicabilidade, seriam alcançados mediante partilha do saber com a realidade investigada: “[...] é preciso revalorizar a solidariedade como forma de saber.” (SANTOS, 2000, p. 81).

Para isto, fazem-se necessários alguns procedimentos metodológicos os quais propiciem uma reflexão de ordem coletiva, gerando reciprocidades ao invés de dicotomias, dualismos e distanciamentos. Mediante esta estratégia de dupla ruptura epistemológica e de ação científica proposta por Santos, avista-se como inevitável uma incursão sobre a modalidade metodológica¹³ da Pesquisa Participante.

Como se irá perceber, a pesquisa participante se apresenta como espaço de articulação, mobilização e transformação social, contribuindo, assim, para que o pesquisador também viva as rupturas necessárias, ao mesmo tempo que o saber científico se constrói.

3 AS POTENCIALIDADES DA PESQUISA PARTICIPANTE

Julgo poder afirmar que os intelectuais [...] são indispensáveis à luta social, hoje muito particularmente, considerando as formas absolutamente novas assumidas pela dominação (BORDIEU, 2001. p. 38-39).

A pesquisa participante traz em sua trajetória uma gama de relatos e experiências. Diferentes áreas do saber têm-se identificado e se edificado por meio da pesquisa participativa. Especialmente no chão latino-americano, falar de pesquisa participante é abrir um leque de possibilidades e definições conceituais acerca de suas formas variantes. Mesmo entre essa multiplicação de nomes e conceitos como: pesquisa ativa, pesquisa-ação, pesquisa popular, pesquisa militante, investigação-ação, pesquisa denúncia, pesquisa ativa, etc., é consenso entre os investigadores que um eixo comum entre essas diferentes modalidades é o de ultrapassar os possíveis distanciamentos entre pesquisador-pesquisado, teoria-prática.

Enfim, não desmerecendo a necessidade de um aprofundamento epistemológico conceitual, e reconhecendo as particularidades de cada uma dessas modalidades já explicitadas, adentra-se, reflexivamente, no campo das potencialidades e especificidades metodológicas que a pesquisa participante pulsiona aos que desejam conhecer, criando solidariedade, ou, além disso, “[...] conhecer o mundo de mãos dadas com a sua transformação.” (BRANDÃO, 2006, p. 9).

Entre os inúmeros princípios da pesquisa participante, destaca-se aqui que eles ganham vida e visibilidade dentro dos movimentos sociais e populares, os quais, dessa mesma forma, oportunizam essas experiências para a autocrítica, renovação e avanços.

Como toda pesquisa possui especificidades e singularidades, não se pode aqui apresentar ou estabelecer um modelo metodológico único ou específico para cada abordagem de pesquisa participante. O que mais se aproxima deste anseio, são algumas ações indicadas por Peruzzo (2004, p. 12). Segundo ela, a pesquisa participante requer:

[...] a presença constante do observador no ambiente investigado, para que ele possa “ver as coisa de dentro”; o compartilhamento, pelo investigador, das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado de modo

consistente e sistematizado – ou seja, ele se envolve nas atividades, além de convivenciar “interesses e fatos; a necessidade, segundo autores como Mead e Kluckhohn, de o pesquisador ‘assumir o papel do outro’ para poder atingir o sentido de suas ações”.

Gajardo (1985) também especifica outra base conceitual e operativa necessária ao percurso de uma pesquisa participante. Para ela, esta modalidade de pesquisa deve “[...] estimular à mobilização de grupos e organizações sociais para a transformação da realidade social, ou para ações da própria realidade.”¹⁴

Outra especificidade da pesquisa participante é o modo dialético de abordagem,¹⁵ o qual contextualiza o sujeito e sua realidade a partir de uma dimensão histórica, compreendendo-o e também o conscientizando de que

[...] a história está sendo, e nós estamos sendo na medida em que fazemos a história, mas à medida que nos assumimos como sujeitos criadores e transformadores da história e não como objetos passivos e resignados que somos arrastados pelos acontecimentos. (HOLLIDAY, 2006, p. 229).

Vislumbra-se, por meio da pesquisa participante:

[...] uma nova ciência capaz de pensar-se, de pensar o mundo social e de pensar as transformações sociais de uma maneira dialética realizada a partir da presença, da posição e dos interesses das classes populares. Nesta perspectiva, afinam-se outros atributos como a reciprocidade entre sujeito e objeto e relação dialética entre teoria e prática. (BRANDÃO, 2006, p. 36).

A pesquisa participante não se apresenta como modelo metodológico de mão única, o qual teria como intento somente conduzir o pesquisador à fonte para que sacie a sede individual sem nada transformar ou oferecer. Vários relatos históricos de pesquisa participante explicitam a impossibilidade de um agir displicente do pesquisador mediante o universo que o acolhe durante o processo de investigação.

Certifica-se que a qualidade dessa modalidade metodológica assenta-se na certeza de que o processo de envolver sujeitos, homens e mulheres, propulsiona novos laços de vida, sonhos e expectativas. Evidencia-se que a pesquisa participante potencializa a transformação da realidade social bem como “[...] o nível de vida das pessoas que estão imersas nessa realidade.” (BRANDÃO, 2006, p. 113).

Esta aproximação entre o pesquisador e os sujeitos do universo a ser investigado gera um comprometimento, o qual, por conseguinte, também gera alternativas capazes de “[...] colocar o conhecimento social, obtido através de procedimentos científicos, a serviço de alguma forma de ação social transformadora.” (BRANDÃO, 2006, p. 10).

A pesquisa participante facilita a articulação entre ciência e sociedade. É evidente que não existe pesquisa distante do ambiente social e que para isso em algum momento fez-se necessária certa aproximação. Mesmo as pesquisas na área da ficção ou da simulação virtual, de uma forma ou de outra, em algum momento terão os seus resultados absorvidos pela realidade social.

Porém, a pesquisa participante oferece insumos para uma aproximação diferenciada entre esses dois mundos; além de uma aproximação evidente espera-se uma aproximação ética, de profundidade e reciprocidade, e não apenas de passagem ou superficialidades instrumentais.

Para Hurtado (2006), a pesquisa participante parte de um enfoque epistemológico no qual o conhecimento é considerado construção social permanente e não conhecimento que o especialista extrai da realidade mediante procedimentos estatísticos, mas à margem da verdadeira voz e sentimento da população.

Este envolvimento do pesquisador com o universo investigado pode dar margem a alguns questionamentos do tipo: como pode ser confiável uma pesquisa que se declara participante?

Brandão (2006, p. 9) responde a essa questão com outra pergunta: “[...] e de que modo hoje pode, havendo chegado ao ponto que chegamos, uma pesquisa social ser útil, verdadeira e proveitosa, sem ser de um modo ou de outro participante?”

Paulo Freire (1978, p. 89) também dialoga sobre essa questão: “[...] toda a neutralidade proclamada é sempre uma escolha escondida, na medida em que os temas, sendo históricos, envolvem orientações valorativas dos homens na sua experiência existencial.”

De fato, nenhum pesquisador está imune a valores, ideologias e posições políticas, que de algum modo perpassam ou orientam suas escolhas teóricas e metodológicas. Dessa forma, “[...] a pesquisa participante deve ser encarada como um instrumento de trabalho não menos confiável e rigoroso [...] pelo fato de se propor como uma atitude mais coletiva, mais participativa e mesmo mais popular.” (BRANDÃO, 2006, p. 38).

Sendo assim, percebe-se que a ideologia estimulada pela modalidade metodológica de pesquisa participante é a ideologia da coparticipação, a qual se torna indispensável para uma pesquisa engajada e comprometida; que se pretende não ser apenas um momento de passagem e distanciamentos entre o pesquisador e o meio investigado. Essa convivência propiciada pela coparticipação obriga a que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura; estabelecendo com o outro um relação de compromisso (BRANDÃO, 1984).

Vale ressaltar que na modalidade de pesquisa participante o papel do pesquisador não desaparece ou diminui, todavia entra em articulação com outros sujeitos que também passam a contribuir com o processo de construção do conhecimento.

A necessidade de engajamento do pesquisador na realidade a ser investigada é o ponto com o qual encerramos esse capítulo. Fica evidente que a pesquisa participante redimensiona a necessidade do pesquisador se envolver para melhor conhecer, aprender, intervir e transformar a realidade.

De acordo com Streck (2006, p. 270), toda a pesquisa gera aprendizagem e toda a aprendizagem gera mudanças; “[...] a pesquisa é interação múltipla de sujeitos: pesquisar é um ato de sujeitos, um movimento que reflete vida e gera vida.”

Enfim, a pesquisa participante é compreendida por muitos pesquisadores mediante dois sentidos: primeiro como espaço privilegiado de transpor inquietações e sonhos em realidade e transformação e, em segundo, como espaço de desconfiança e medo, principalmente para aqueles que não se arriscam além das fronteiras dos muros universitários.

4 CONCLUSÃO

A pós-modernidade é para muitos a teoria da especulação, a qual advoga a perda da historicidade, o fim ou inutilidade das grandes narrativas teóricas e o apagamento das classes sociais ou da alta cultura e cultura popular.

Aquém disso, a reflexão pós-moderna é galgada neste artigo com o intuito de problematizar esta realidade não mais uniforme, mas sim complexa. Da mesma forma, esta chamada pós-modernidade aparece no artigo como uma espécie de renascimento dos ideais banidos e cassados pela modernidade ortodoxa e racionalizadora (VATTIMO, 2002).

Em tempos onde os problemas sociais e ambientais apresentam-se evidentes, torna-se concebível um modelo científico limitado e descomprometido com tal realidade? É nesta conjuntura que se percebe a intenção de Santos (2007), ao propor a necessidade de o cientista se envolver na luta pelo equilíbrio de poder dos vários contextos de aplicação do saber, mesmo que para isso seja necessário tomar partido daqueles que tem menos poder. Fica evidente que se precisa praticar um tipo de racionalidade mais ampla,¹⁶ capaz de acolher as necessidades e problemas que hoje batem à porta pedindo acolhida e solução.

Para essa proposta de Santos (2007), avistam-se mediante pesquisa participante, horizontes possíveis e propícios para “[...] uma nova ciência capaz de pensar-se, de pensar o mundo social e de pensar as transformações sociais de uma maneira dialética, realizada a partir da presença, da posição e dos interesses das classes populares.” (SANTOS, 2007, p. 36).

Como se percebe, este novo modelo de produção e aplicação do conhecimento proposto por Santos (2000) ainda encontra-se em processo de germinação, porém, “[...] não se trata de um futuro abstrato, é um futuro do qual temos pistas e sinais; temos gente envolvida, dedicando sua vida a essas iniciativas.” (SANTOS, 2000, p. 38). É também por esta via “[...] que o intelectual coletivo pode desempenhar seu papel, insubstituível, contribuindo para criar as condições sociais de uma produção coletiva de utopias realistas.” (BORDIEU, 2001, p. 39).

Encerrando essa reflexão permanecem algumas inquietações. Afinal, de que lado se está? Certamente, uma questão que possivelmente será respondida à medida que se expandir a razão e o coração do indivíduo.¹⁷ Esta é uma luta não apenas para pesquisadores, mas acima de tudo para seres humanos ousados e sensíveis aos problemas de seu tempo.

Perspective and challenge between Double epistemological rupture and participative research

Abstract

This article deals with discussion about the post-modern thought, and in this way, the deadlock paradigm, which is in the field of science. According to that

thought, is the relationship between the epistemological proposal of Boaventura de Souza Santos, called 'Double epistemological rupture', and the methodological proposition of 'participative research'. From this approach, we attempt to show that in times of environmental crisis and growing social inequality, both the proposal of Boaventura de Souza Santos and the Participative Research are inseparable and that, together, they can build a new model of science actually engaged and committed to the current problems and the ones which will possibly emerge.

Keywords: Postmodernity. Science. Dual epistemological rupture. Participative research.

Notas explicativas

- ¹ Ver mais em: DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso*. Ed. Unesp, 2006.
- ² Basta rever até que ponto as grandes promessas científicas permanecem incumpridas ou seu cumprimento redundou em efeitos perversos. Ver mais em: SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 75. v. 1.
- ³ Para Capra (1982, p. 37-38), “[...] a noção do homem como dominador da natureza e da mulher e a crença no papel superior da mente racional foram apoiadas e encorajadas pela tradição judaico-cristã”. Para este mesmo autor, “essa ênfase dada ao pensamento racional” é o que tem encorajado “[...] eficazmente os indivíduos ocidentais a equipararem sua identidade com sua mente racional e não com seu organismo total.”
- ⁴ Ver mais em: DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação*. Crítica à ideologia da exclusão. São Paulo: Paulus, 1995.
- ⁵ Nas palavras de Lopes (2001, p. 36), “O paradigma pode ser considerado a visão de mundo partilhada por uma comunidade científica que se expressa por meio do trabalho teórico. Ele determina quais os problemas são investigados, quais dados são considerados pertinentes, que técnicas de investigação são utilizadas e que tipos de solução se admitem aos problemas.”
- ⁶ Morin (2002) traz, junto às suas análises epistemológicas e paradigmáticas, uma proposta de interpretação de mundo e dos fenômenos que nele ocorrem, ou seja, o pensamento complexo.
- ⁷ Pode-se conjecturar que tais estudos realizados sobrevalorizaram as concepções de rigidez e imutabilidade, concepção filosófica defendida por Parmênides, relativizando, dessa forma, a concepção Heráclitiana da fluidez e da mutabilidade.
- ⁸ Ver mais em: *Vale do Itajaí: a fórmula da tragédia*. Disponível em: <<http://www.wwf.org.br/index.cfm?uNewsID=17160>>; como também em: <http://ciram.epagri.sc.gov.br/portal/website/arquivos/areas_risco/Relatorio_Morro_Bau.pdf>.
- ⁹ Por essa via, aproveita-se para rever até que ponto as grandes promessas da modernidade permanecem incumpridas ou seu cumprimento redundou em efeitos perversos. Ver mais em: SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 75. v. 1. E mais, “[...] no que respeita à promessa da paz perpétua que Kant tão eloquentemente formulou, enquanto que no século XVIII morreram 4,4 milhões de pessoas em 68 guerras, no século atual morreram

99 milhões de pessoas em 237 guerras [...] nos últimos 50 anos o mundo perdeu cerca de um terço de sua cobertura florestal [...] no que respeita a promessa de igualdade, os países capitalistas avançados com 21% da população mundial controlam 78% da produção mundial de bens e serviços e consomem 75% de toda a energia produzida.” (SANTOS, 2000, p. 23-24).

- ¹⁰ Esta valorização de conhecimentos diversos é denominada por Santos (2007, p. 32) como “Ecologia dos saberes”.
- ¹¹ De acordo com Santos (1989, p. 151), são quatro os contextos estruturais onde se aplica e se produz o conhecimento: Doméstico, trabalho, cidadania e a mundialidade.
- ¹² O conceito de aplicação técnica apresenta algumas características como: 1 – “Quem aplica o conhecimento está fora da situação existencial em que incide a aplicação e não é afetado por ela; 2 – existe uma separação total entre fins e meios. Pressupõem-se definidos os fins e a aplicação incide sobre os meios; 3 – não existe mediação deliberativa entre o universal. A aplicação precede por demonstrações necessárias que dispensam a argumentação; 4 – a aplicação assume como única, a definição da realidade dada pelo grupo dominante e reforça-a, escamoteia os eventuais conflitos e silencia as definições alternativas; 5 – a aplicação do *know-how* técnico torna dispensável e até absurda qualquer discussão sobre o *know-how* ético. 6 – a aplicação é unívoca e o seu pensamento é unidimensional. Os saberes locais ou são recusados, ou são funcionalizados; 7 – os custos da aplicação são sempre inferiores aos benefícios e uns e outros são avaliados quantitativamente à luz de efeitos imediatos do grupo que promove a aplicação.” (SANTOS, 1989, p. 157-158).
- ¹³ De acordo com Ianni (2001, p. 11), “[...] com o apoio em métodos e técnicas de pesquisa, a atividade científica não só se organiza como também alcança seus objetivos.” IANNI, Octávio. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em Comunicação*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2001. p 11.
- ¹⁴ Além disso, a pesquisa participante para Gajardo (1985, p. 73-78) é: “[...] a luta por estabelecer relações horizontais e antiautoritária; o impulso dos processos de aprendizagem coletiva através das práticas grupais; a ênfase à produção e à comunicação do conhecimento.
- ¹⁵ “A abordagem dialética se propõe a abarcar o sistema de relações que constrói, o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações que traduzem o mundo dos significados. Busca encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo; e a interioridade e a exterioridade como constitutivas do fenômeno”. MINAYO, Maria Cecília Souza de. *Pesquisa Social*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.
- ¹⁶ Ver mais sobre A ecologia dos saberes em: Santos (2007).
- ¹⁷ “Todos os nossos conhecimentos têm um elemento de logos e um elemento de mythos, que é a emoção, a fé, o sentimento que certo conhecimento nos proporciona pelo fato de o termos, a repugnância ou o amor que nos provoca.” (SANTOS, 2007, p. 58).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORDIEU, Pierre. **Contrafogos 2: por um movimento social europeu**. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O sentido do saber** – anotações para pensar algumas bases epistemológicas da pesquisa participante. Piracicaba: 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa participante: O Saber da Partilha**. Aparecida, 2006.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1982.

COSTA, Sérgio. **Dois atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação**. Crítica à ideologia da exclusão. São Paulo: Paulus, 1995.

FREIRE Paulo. **Ação Cultural para a liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FRIDMAN, Luis Carlos. Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, v. 6, n. 2, p. 353-375, 1999. [on-line].

GADEA, Carlos A. **Breves contribuições da crítica Pós-moderna para a análise dos Movimentos Sociais**. Red de revistas Científicas de América Latina y Caribe, Espanha e Portugal. Universidad Autónoma de Estado del México, 2005.

GAJARDO, Marcela (Org.). **Teoria y práctica de la educación popular**. Michoacán: Crefal, 1985, p. 73-78.

HOLLIDAY, Oscar Jara. Sistematização das experiências: Algumas apreciações. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa participante: O Saber da Partilha**. Aparecida, 2006.

HURTADO, Carlos Núñez. Uma consulta cidadã participativa: o caso do estado de Michoacán. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa participante: O Saber da Partilha**. Aparecida, 2006.

IANNI, Octávio. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

MAFFESOLÍ, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Tribalismo pós-moderno: Da identidade às identificações**. 2006.

MAUSS, Marcel. **Antropologia e Sociologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MORIN, Edgar. **A ciência com consciência**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. Da Observação Participante à Pesquisa-Ação no Campo comunicacional: Pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Pensamento comunicacional Latino-Americano: Da Pesquisa-Denúncia ao Pragmatismo Utópico**. São Paulo: Ed. Umesp, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000. v. 1.

_____. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SILVA, Maria Ozanira da Silva. Reconstruindo um processo participativo na produção do conhecimento: Uma concepção e uma prática. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa participante: O Saber da Partilha**. Aparecida, 2006.

STRECK, Danilo Romeu. Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida, 2006.

VATTIMO, GIANNI. **O fim da modernidade**. Niilismo e hermenêutico da cultura. Pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Recebido em 15 de maio de 2009

Aceito em 25 de maio de 2009